

SANTUCCI, Francesca. *Virgo virago: Donne fra mito e storia, letteratura ed arte, dall'Antichità a Beatrice Cenci*. Catania: Akkuaria, 2008. ISBN 978-88-89418-96-3 176 p.

Karine Simoni<sup>1</sup>

O livro *Virgo virago: Donne fra mito e storia, letteratura ed arte, dall'Antichità a Beatrice Cenci* (*Mulheres entre mito e história, literatura e arte, da Antigüidade a Beatriz Cenci*, doravante *Virgo Virago*), ainda sem tradução para o português, constitui um ensaio biográfico-crítico sobre a condição da mulher em diferentes períodos, desde a Antigüidade até o século XIX. Com uma abordagem que prioriza a visão crítica dos acontecimentos, trata da experiência de 17 mulheres, historicamente existentes ou que existem apenas na ficção. A autora parte de discussões teóricas atuais sobre o papel delegado à mulher ao longo da história, e tem como pano de fundo a teoria de que as mulheres abordadas deixaram importantes contribuições e influenciaram não só a época na qual viveram, como também os períodos sucessivos, mas que, por algum motivo, a sua importância não foi devidamente reconhecida ou, mais que isso, foram objeto de perseguição, principalmente durante a Inquisição.

A obra é dirigida principalmente aos profissionais das áreas de história, literatura e artes, e aos que desejam aprofundar o seu conhecimento sobre o assunto. A autora dedica-se ao estudo do feminino e da Antigüidade, tendo publicado outras obras sobre o tema, sempre buscando priorizar aspectos pouco abordados pela literatura e historiografia. O pensamento é construído passo a passo, enriquecido com imagens, documentos inquisitoriais e obras literárias, o que resulta numa narrativa fácil de ser compreendida, mas sem abrir mão do rigor crítico. É o caso do próprio título da obra, muito instigante porque retrata as diferentes visões sobre o feminino nos períodos tratados. Do latim *vir* (característico do homem) teria surgido *virago*, que poderia significar ou a mulher que se comporta como homem, ou a mulher que ainda não conheceu um homem, ou seja, a virgem.

Três partes compõem a obra: *Donne nell'Antichità, La condizione delle donne nel medioevo* e *Il massacro delle donne*, (*Mulheres na Antigüidade, A condição das mulheres no medioevo* e *O massacre das mulheres*). A natureza do objeto focado – figuras femininas secundárias –, ou melhor, marginalizadas em relação à história e à literatura oficial, são o ponto de apoio para um olhar crítico sobre a condição das

---

<sup>1</sup> Mestre em História e Doutora em Literatura pela UFSC.

mulheres. Mais do que um simples percurso biográfico sobre essas figuras femininas, a obra é um ensaio crítico-reflexivo, com um notável aparato de notas explicativas que enriquecem o texto e servem de apoio às reflexões.

Na primeira parte, dedicada às mulheres da Antigüidade, a autora discorre sobre Prosérpina, Medéia, Lucrecia e Betsabéia, dentre outras. Ao analisar a experiência de cada uma, Santucci faz também uma análise do tempo no qual essa mulher viveu. Assim, aborda a condição de vida das gregas, espartanas e atenienses; das mulheres de Roma republicana e de Roma Imperial, para concluir com a análise das condições das mulheres célticas. Ao falar sobre as mulheres gregas, a autora destaca que na Grécia Antiga, apesar das diferenças entre as várias épocas e cidades, a sociedade estava organizada de forma a priorizar o masculino, enquanto a mulher vivia sempre sob a tutela de um homem, não possuía direitos políticos ou jurídicos e era predestinada quase que unicamente à administração da casa e ao cuidado com os filhos. Da mesma forma, na sociedade romana a mulher estava submissa ao pai ou ao marido e não tinha direitos perante a lei; mas possuía o governo da casa, era responsável pela educação dos filhos, além de ter alguma liberdade para participar de acontecimentos sociais. Já na sociedade celta, a figura feminina era mais bem considerada, pois podia participar dos acontecimentos sociais e religiosos, vestia-se e adornava-se ricamente, tinha os mesmos direitos políticos e civis do homem, possuía ampla liberdade e autonomia, poderia ocupar o cargo de sacerdotisa e de guerreira.

Em seguida, ao tratar da condição feminina na Idade Média, Santucci destaca as figuras de Santa Ágata, Santa Bárbara, Santa Úrsula, Trotula, Heloísa, Santa Ildegarda, Santa Catarina e Joana D'Arc, entre outras, com ênfase nos dois únicos papéis considerados possíveis para a mulher naquela época: a de santa ou a de pecadora, símbolo de pureza ou de tentação. Nesse cenário, a mulher não podia ter parte na vida pública, possuir bens materiais, nem direito de escolha para o matrimônio, e era totalmente submissa ao pai, ao marido ou ao parente mais próximo. Daí o martírio sofrido, por exemplo, por Santa Ágata e Santa Luzia, que foram cruelmente assassinadas por não discordarem das leis vigentes e defenderem a sua liberdade e a sua fé. Porém, a autora relata que, no século XI, a mulher começa a ingressar também nas atividades da vida social, ocupando cargos e tendo direito sobre heranças. Existe, portanto, uma preocupação de Santucci em não generalizar as experiências femininas. Nesse sentido, merece destaque a discussão sobre as leis criadas por Frederico II em 1231, considerado o maior monumento legislativo laico do período, não apenas na

Itália, mas em toda a Europa, que permaneceu em vigor até o início do século XIX. Nessa lei, o Frederico II criou leis a favor das mulheres – freiras, casadas, viúvas ou prostitutas – que, dentre outras coisas, punia com a morte o homem que violentava a mulher, e proibia a pena de morte no caso de adultério feminino. Entretanto, a autora destaca que nem sempre tais leis encontraram respaldo, e na prática a mulher permaneceu relegada a uma condição inferior. Justamente por isso, muitas figuras femininas buscaram a libertação dos homens na vida monástica, não por vocação, mas porque essa vida lhes oferecia a possibilidade de se instruírem e se tornarem independentes.

Por fim, na última parte, a autora aborda a condição das mulheres no chamado período de “caça às bruxas”. A mudança do pensamento da Igreja passou a associar os hereges, ou seja, aqueles que se distanciavam da fé católica, às mulheres, acusadas de serem responsáveis por acontecimentos, como pestes, catástrofes climáticas, mortes de crianças e de animais. Violentas perseguições, processos, torturas, enforcamentos e fogueiras em praça pública estiveram presentes entre os séculos XIII e XIX, sobretudo com as minorias como os judeus e as mulheres, consideradas inferiores e aliadas ao demônio. É o caso da visão de Dante na *Divina Comédia*, que reserva um círculo do inferno para colocar mulheres consideradas adivinhas e ligadas aos poderes ocultos. Assim, a autora reconstrói um quadro claro e preciso da passagem da simples superstição a algo trágico, a inquisição propriamente dita, promulgada com as bulas papais de 1258 e intensificada com a bula de 1484 e com o famoso manual “Martelo das feiticeiras”. Escrito pelos teólogos Kramer e Sprenger, esse manual explica detalhadamente quais torturas, físicas ou psicológicas, deveriam ser usadas para infligir e provocar a confissão dos acusados. A autora destaca vários exemplos de caça às bruxas, que vitimaram as duas últimas mulheres em 1783, na Polônia.

Ao lermos *Virgo Virago* deparamo-nos com realidades e experiências diferentes, mas as partes são muito coerentes entre si, o que permite que cada uma delas seja lida separadamente. Interessada em problematizar a ausência do feminino na história, bem como a violência sofrida pelas mulheres, a autora se propõe examinar as experiências de vida a partir da condição da mulher em cada período, de forma a destacar como as mulheres abordadas oferecem a oportunidade de refletir sobre a discriminação e a violência contra a mulher presentes ainda hoje. Porém, o que me parece o ponto alto da obra é o fato da autora não tratar essas mulheres a partir apenas da idéia da mulher como sujeito oprimido ou subjugado, mas principalmente como sujeito *transgressor*,

cuja posição é de agente de mudança em relação à sociedade em que vive. Em contraste com as leis e os costumes vigentes, misóginos e ameaçadores, existe, portanto, o que a autora se refere como espaço de resistência feminina.

O estudo de Santucci certamente soma-se a um considerável número de pesquisadores que vêm renovando o estudo dessa temática e, por refletir sobre os diversos pontos em que a condição feminina interliga-se e coincide com a literatura, a arte e a história, constitui-se como importante obra para todos os que trabalham ou se interessam pelo assunto.